Etnia, Política e Religião numa Sociedade Heterogénea

Miguel Carter

Vozes do Povo: Sociedade, política e opinião pública na Guiné-Bissau
Miguel Carter e Carlos Cardoso, organizadores
Bissau: DEMOS, 2021.
Primeira impressão, janeiro 2024.

© 2021 União Europeia. Todos os direitos reservados.
Esta publicação foi produzida com o apoio financeiro da União Europeia. O seu conteúdo é da exclusiva responsabilidade dos autores e não reflete necessariamente a posição da União Europeia.

4

Etnia, Política e Religião numa Sociedade Heterogénea

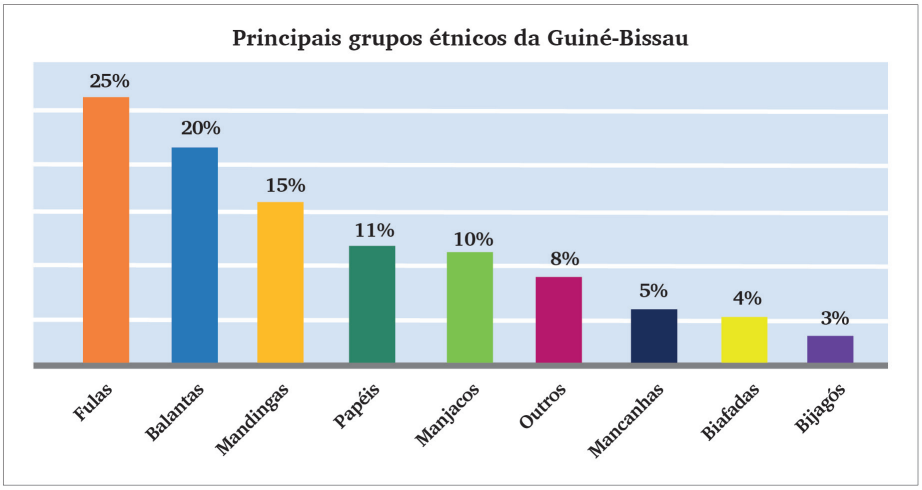
Miguel Carter

A pesquisa de mineração e análise de dados da sondagem Vozes do Povo empreendida em 2018 revelou um acervo de informações inéditas sobre a Guiné-Bissau.[1] O cruzamento de dados gerou um conjunto de estatísticas de um valor excecional para a compreensão da vida social neste país. Este capítulo apresenta uma sinopse do conhecimento produzido em torno dos principais grupos étnicos do país e sua relação com a vida partidária. Ele também examina o risco de sectarismo religioso na sociedade guineense.[2] As principais aprendizagens desta investigação podem ser resumidas nos seguintes pontos:

- As relações interétnicas neste país são geralmente pacíficas e construtivas. Contudo, há um risco de politização das identidades étnicas.
- A vida religiosa tende a diminuir o risco de sectarismo e propiciar a tolerância social.
- A relação entre etnia, política e religião precisa de ser melhor compreendida, de modo a preservar a boa convivência social entre os guineenses.

Grupos Étnicos

A Guiné-Bissau é um país pequeno com uma grande diversidade étnica. Neste território habitam não menos de 26 grupos étnicos distintos. Entre eles, há oito grupos principais que compreendem 92% da população. O resto inclui uma constelação de etnias menores. A distribuição dos grupos maiores, segundo os resultados da sondagem, é a seguinte:



A pesquisa baseada em dados étnicos permite retratar algumas tendências, características e predisposições nestas parcialidades. Há muitos pontos em comum entre as etnias, mas também há disparidades. Os dados apresentados aqui sublinham antes as diferenças do que as semelhanças. Contudo, é importante destacar que estas brechas, em geral, não são extremas. Elas constituem, antes que nada, acentos e matizes diferenciados.

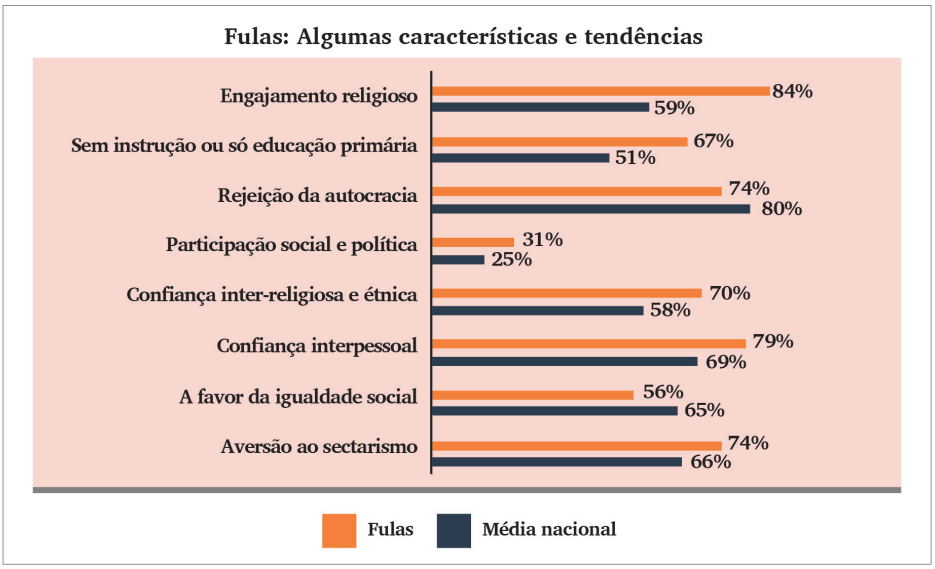
[1] Carter (2021).

[2] Sobre a história do relacionamento inter-étnico e religioso na Guiné-Bissau, veja o capítulo 7, de Toby Green, neste livro.

Os grupos étnicos na Guiné-Bissau não são homogéneos. Ao ressaltar suas experiências e atitudes salientes, precisamos lembrar que dentro de cada etnia há variações consideráveis quanto às situações de vida dos seus integrantes, suas perceções sociais e opiniões políticas. Os acentos refletem, portanto, tendências expressivas dentro do grupo, mas não reproduzem a visão do seu conjunto. É com estas ressalvas que podemos oferecer as seguintes observações sobre os sete principais grupos étnicos da Guiné-Bissau.

Fulas

Os Fulas são o maior grupo étnico do país. Dois terços falam a sua própria língua em casa. Uma proporção similar mora no campo, principalmente na região Leste do país: Bafatá (36%) e Gabu (32%). Relativamente ao seu tamanho populacional, este é o grupo com a menor presença em Bissau. Só 14% dos Fulas moram na capital do país.



Os Fulas são um povo de forte sentimento religioso e essencialmente muçulmano (94%). Ainda assim, há uma pequena minoria que se identifica como cristãos (5%), principalmente católicos. Muitos Fulas não tiveram acesso à instrução formal (39%) e só um terço fez algum estudo além da escola primária. Esta é uma das etnias com menor oportunidade educativa no país.

A adesão à democracia neste grupo chega a 60% só dois pontos abaixo da média nacional.[3] Contudo, um quarto desta população teria certa afinidade com fórmulas autoritárias de governo. Entre os Fulas, há uma vontade maior de participar na vida associativa e partidária do país, e de fazer reclamações ao governo (28%), sete pontos acima da média nacional.

A elevada confiança inter-religiosa e étnica, e a perceção de morar num círculo mais seguro, elevam o nível de coexistência social dos Fulas a 59%, oito pontos acima da média. Na comunidade fula, quatro em cada cinco pessoas goza da confiança interpessoal. Isto é sustentado, em parte, pela alta confiança grupal de 78%, nove pontos acima da média.

Mas a disposição à igualdade social neste grupo é a menor do país. Entre os Fulas, 28% têm uma orientação mais patriarcal, cinco pontos acima da média, portanto, mais relutante à igualdade de género. Também há no meio desta população um apoio menor à igualdade no trato social (47%),

[3] Adesão ou apoio à democracia: Alta adesão + Adesão média-alta.

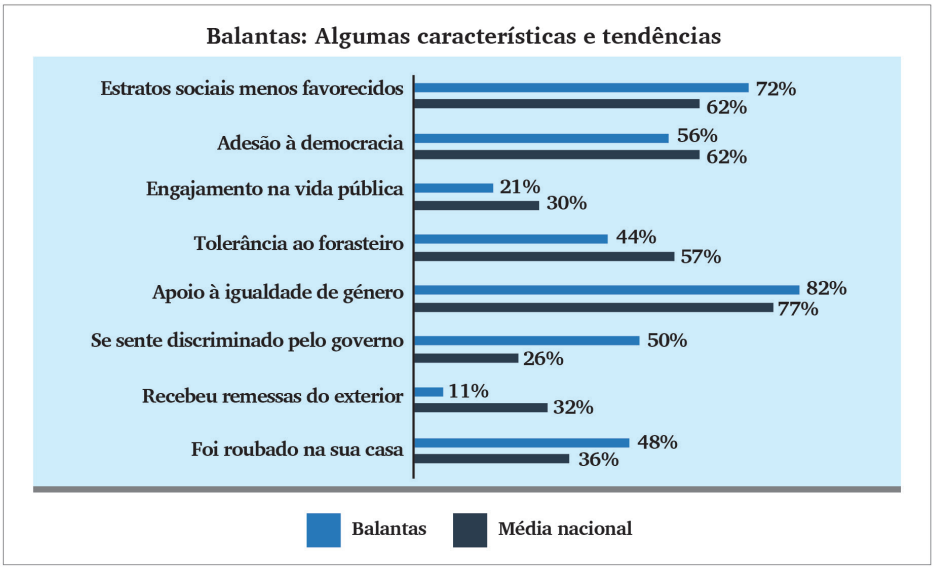
dez pontos abaixo da média. Isto dá-se pelo maior valor atribuído à acumulação de riqueza em detrimento do valor da equidade, e, em especial, à maior sintonia com a ideia de os líderes terem a obrigação de ajudar seus familiares e o grupo.

Ainda assim, os Fulas são uma das etnias mais ecuménicas da Guiné-Bissau. Nesta população, só 6% apresentam algum risco de sectarismo religioso – no índice que exclui a variável de preconceito sexual –, enquanto 77% exibem uma disposição à tolerância religiosa, 24 pontos acima da média nacional.[4] Entre os Fulas, por cada indivíduo com risco de sectarismo religioso, há 13 pessoas favoráveis ao ecumenismo religioso.

Balantas

Os Balantas são o segundo grupo étnico mais numeroso de Guiné-Bissau. A maioria (54%) fala sua língua autóctone em casa. Quase dois terços moram nas áreas rurais, sobretudo no norte do país: Oio (31%) e Cacheu (19%). Mais de um quarto dos Balantas reside na capital, Bissau.

Esta população é de uma religiosidade heterogênea: 70% são cristãos, de várias igrejas, 18% são animistas, 3% muçulmanos e 3% ateus. Entre os cristãos, 16% são evangélicos e 12% católicos. Os Balantas representam mais de metade (54%) de todos os evangélicos do país. Mesmo assim, o engajamento religioso dos Balantas é um dos mais baixos do país: 69% têm pouca ou nenhuma convivência religiosa, muito acima da média nacional (41%).



Juntamente com os Bijagós, os Balantas são um dos grupos étnicos mais pobres do país. Esta situação é agravada pela menor oportunidade de receber remessas do exterior. Contudo, entre os Balantas o acesso à educação é maior do que em outros grupos, como os Fulas, Biafadas e Mandingas.

A adesão à democracia é um pouco inferior à média, devido, em grande parte, à rejeição menos intensa de regimes autoritários. Um quinto dos Balantas, mais que qualquer outro grupo, simpatiza com a ideia de ter um governo militar.

[4] No índice que inclui a variável preconceito sexual, o risco de sectarismo religioso equivale ao 19% da população Fula (4 pontos acima da média nacional).

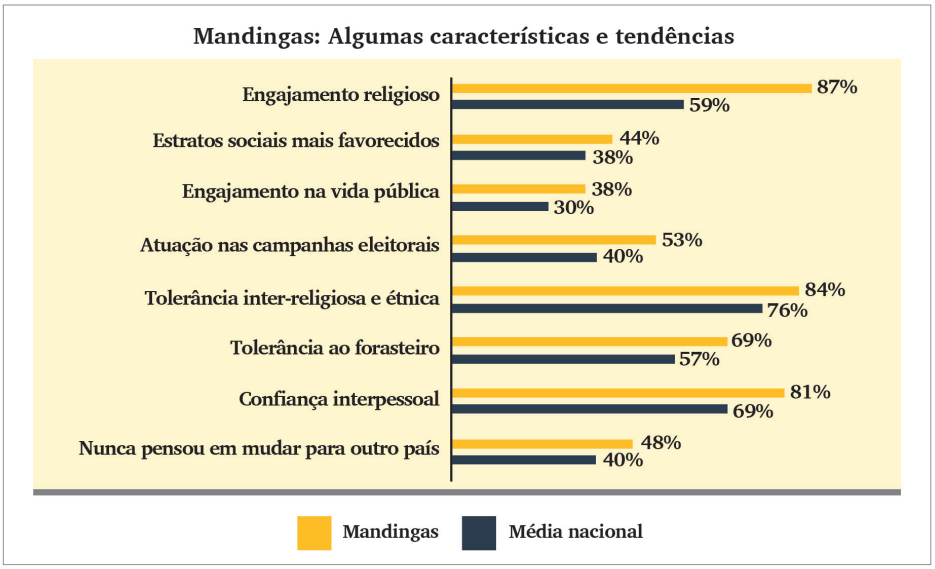
O engajamento na vida pública é menor que nas outras etnias, salvo os Bijagós: 36% dos Balantas vivem praticamente desligados do âmbito público. No geral, há pouco contacto com as autoridades e acesso precário às notícias: três em cada quatro Balantas recebe pouca ou nenhuma informação sobre os acontecimentos no país. Este problema se explica, em parte, pela menor disponibilidade de meios modernos de comunicação: um terço dos Balantas não possui um rádio, três quartos não dispõem de um televisor, e 76% nunca utilizou a internet, oito pontos acima da média nacional.

Os Balantas exibem uma tolerância média em temas religiosos, étnicos e sexuais, mas uma tolerância menor com os estrangeiros. Nesta população, a tolerância tem um cunho mais cultural que religioso. Esta é a etnia guineense com o etos igualitário mais forte, incluindo o apoio à igualdade de direitos entre homens e mulheres.

Por outro lado, metade dos Balantas consideram que o seu grupo é discriminado pelo governo. Um terço diz que o problema acontece com bastante frequência, acima da média nacional (26%). Outro reclamo recorrente nesta etnia tem a ver com a falta de segurança pública.

Mandingas

Os Mandingas são o terceiro grupo étnico em termos de população. A maioria (58%) fala sua língua em casa. Mais de metade (54%) mora no campo, maiormente na região Norte (41%), em Oio, e na região Leste (25%), principalmente em Gabu. No entanto, 28% residem em Bissau.



Entre os guineenses, este grupo exibe os níveis mais altos de religiosidade. Nesta etnia, 97% são muçulmanos e só 2% cristãos. Os Mandingas são o terceiro grupo mais próspero do país, depois dos Mancanhas e Biafadas. Entre eles, há mais pessoas que têm acesso a meios modernos de comunicação e dispõem de uma estrutura residencial mais moderna.

A adesão à democracia neste grupo segue o padrão nacional, mas é cinco pontos mais enfática na rejeição da autocracia. Os Mandingas apresentam os níveis mais altos de engajamento na vida pública, comparados com outros grupos. Isto dá-se principalmente pela participação mais intensa na vida associativa e partidária (37%), 12 pontos acima da média nacional, e pela forte atuação nas

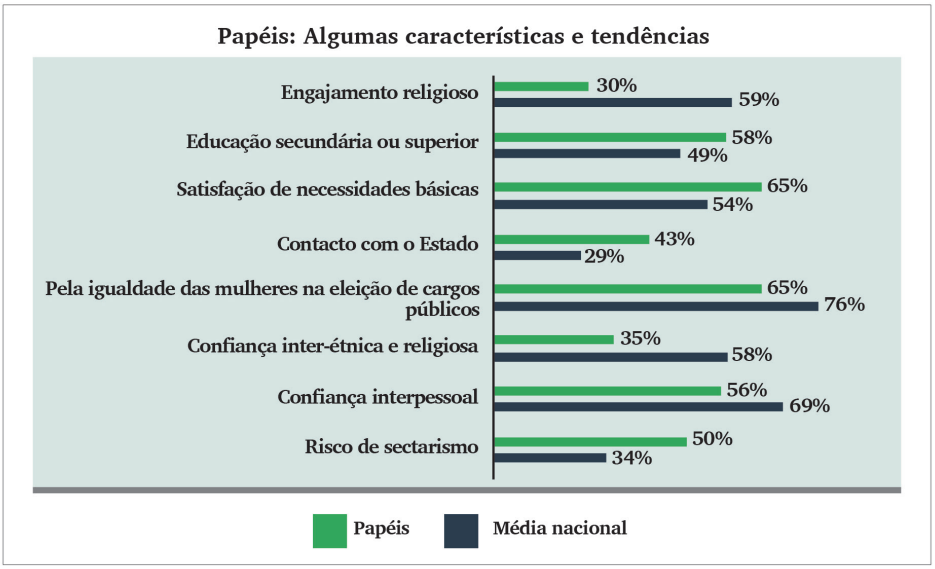
campanhas eleitorais. A maioria desta população dialoga com frequência sobre política (54%, sobre 47%). Além disso, entre os Mandingas há um segmento com boa interlocução com as autoridades públicas (14%), cinco pontos acima da média.

Esta etnia também se destaca pela capacidade de coexistência social. Os Mandingas apresentam os índices mais altos de tolerância inter-religiosa e étnica, e de solidariedade com os estrangeiros. E exibem níveis mais elevados de confiança interpessoal: quatro em cada cinco Mandingas tem alta confiança (12 pontos acima da média nacional, 69%). A forte disposição à tolerância religiosa, explica o facto de nove de cada dez Mandingas terem uma aversão ao sectarismo.

Papéis

A maior parte dos Papéis (57%) fala crioulo em casa e vive em áreas urbanas (55%). Esta etnia reside basicamente em duas regiões vizinhas do país: Biombo (50%) e Bissau (43%).

Os Papéis são maioritariamente cristãos (69%), mas também animistas (13%). Comparados com outros grupos, exibem um menor grau de religiosidade: 70% têm pouco ou nenhum engajamento religioso.



A urbanidade tem facilitado o acesso à educação entre os Papeis: 10% têm estudo superior e quase metade algum estudo secundário. A melhor educação, porém, não tem ampliado a posição social dos Papeis em termos de obtenção de bens materiais, salvo na melhor satisfação de necessidades básicas, incluindo o acesso à alimentação, água e cuidado médico.

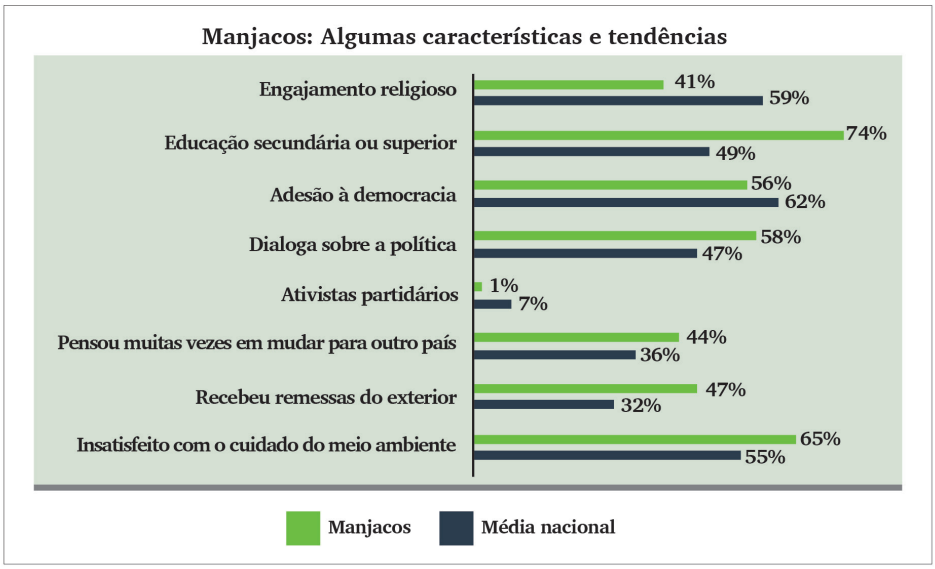
Em assuntos ligados a adesão à democracia e ao engajamento na vida pública, a situação dos Papeis fica perto da média nacional. A única exceção notável é o maior contacto com os agentes do Estado, nos setores de educação, saúde, polícia e outros.

Há, no entanto, vários sinais de dificuldade no âmbito da coexistência social. Entre os Papéis, há um número expressivo de pessoas com pouca confiança nas pessoas de outra religião ou etnia, e mais intolerância em relação aos estrangeiros (53%), 11 pontos acima da média nacional. A confiança interpessoal neste grupo é inferior ao padrão nacional. Quase um terço dos Papéis tem baixa confiança. Há também elementos de uma menor predisposição à igualdade social (57%), oito pontos abaixo da média. Isto inclui um apoio menor à participação das mulheres em cargos públicos.

Os Papéis e os Bijagós exibem o maior risco de sectarismo entre as etnias guineenses. Um quarto dos Papéis vê-se afetado por este risco.[5] Aqui, os Papéis sofrem a desvantagem de apresentar um maior nível de desconfiança e intolerância inter-religiosa. A desconfiança religiosa entre os Papéis é de 61%, 21 pontos acima da média nacional. Ademais, esta comunidade tem mais pessoas com uma orientação patriarcal (27%), sobre a média de 23%.

Manjacos

A maior parte dos Manjacos (52%) fala a sua própria língua em casa. Nisto incide o facto de a maioria (58%) deles morar em comunidades rurais, essencialmente em Cacheu (58%), ainda que 30% habitem em Bissau.



No âmbito religioso, 75% dos Manjacos são cristãos, 16% animistas e 3% muçulmanos. Os Manjacos são o grupo étnico mais numeroso entre os adeptos da Igreja Católica. Quase um quarto (23%) deles são católicos. O nível de engajamento religioso, no entanto, é substancialmente menor que o de outros grupos.

A comunidade dos Manjacos apresenta níveis mais altos de educação: 59% fizeram algum estudo secundário e 19% tiveram alguma educação superior. Esta vantagem, no entanto, não parece ter afetado muito a posição desta etnia em termos de estratos sociais, onde permanece próxima face ao padrão nacional.

A adesão à democracia entre os Manjacos é inferior a todos os outros grupos étnicos, com exceção dos Balantas. Há aqui um ceticismo maior em relação à liberdade de escolha política, atitude que afeta a 57% dos Manjacos, 12 pontos acima da média nacional. Contudo, 72% desta parcialidade mostra uma exigência maior quanto à responsabilização dos governantes, seis pontos acima da média.

O engajamento na vida pública (25%) é um tanto ou quanto inferior ao padrão nacional (30%). Além de ter pouco contacto com as autoridades públicas (4%), há uma disposição menor para fazer reclamações ao governo (15%), seis pontos abaixo da média. Os Manjacos têm pouca atuação partidária, a menor entre os principais grupos étnicos. Eles exibem, porém, uma maior vontade de dialogar sobre política (58%, sobre 47%).

[5] No índice que inclui o preconceito em relação aos homossexuais, o risco de sectarismo entre os Papéis é de 25%, oito pontos acima da média nacional. Mas ao incluir este preconceito sexual, o risco de sectarismo alcança metade da população.

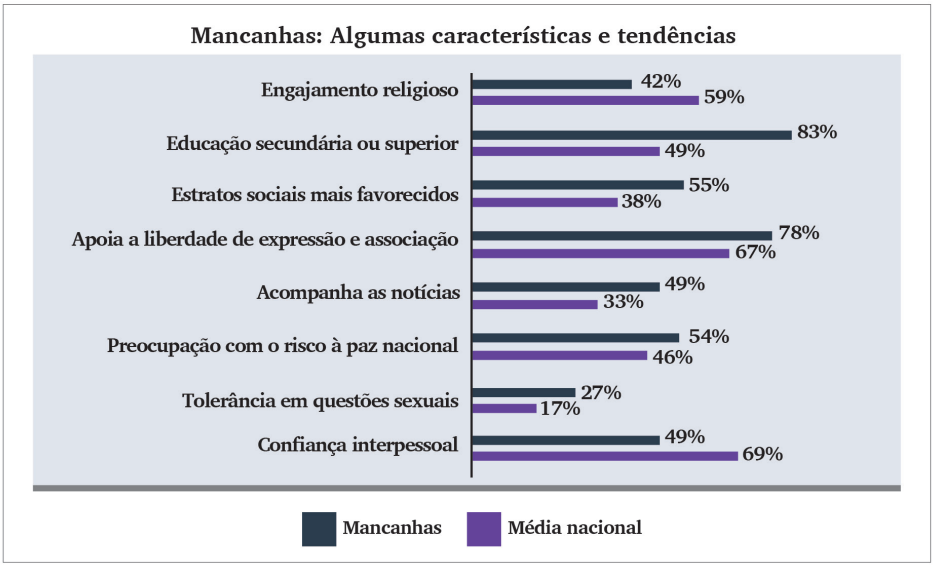
A tolerância social nesta comunidade é mais elevada (71%), seis pontos acima da média. No entanto, a tolerância em relação a pessoas de outra religião é cinco pontos menor que o total nacional (78%). Para muitos Manjacos, a tolerância teria uma matriz um tanto ou quanto mais cultural que religiosa. Outros aspetos de convivência social, incluindo o apoio à igualdade social, não apresentam diferenças notáveis em relação à situação nacional.

Entre as principais etnias guineenses, os Manjacos são o grupo que exterioriza a maior vontade de emigrar. Talvez não seja por coincidência, então, que este seja o grupo que mais estima a colaboração da União Europeia com o país (50%), sobre a média nacional de 38%. Além disso, os Manjacos são a etnia que exprime a maior consternação pela deterioração ambiental, ainda que este seja um sentimento generalizado na Guiné-Bissau.

Mancanhas

Os Mancanhas são fortemente urbanos: 84% moram na capital e noutras cidades dispersas pelo país. Dois terços (67%) residem em Bissau. Só 8% desta comunidade fala mancanha em casa; 84% preferem falar crioulo.

Este é o grupo com a maior adesão ao cristianismo: 87% identificam-se como cristãos e, entre estes, 43% se consideram católicos. Ainda assim, 8% são animistas e 4% muçulmanos. O engajamento religioso entre os Mancanhas (42%) é menos intenso que o padrão nacional (59%).



Os Mancanhas são o grupo étnico com os maiores índices de educação: 37% fizeram algum estudo superior, muito acima da média nacional (12%), e 47% fizeram algum estudo secundário. Além do alto nível educativo, este é o grupo que, em proporção ao seu tamanho, ocupa os estratos mais privilegiados da sociedade guineense: 49% dispõem de um poder aquisitivo mais alto (sobre a média nacional de 32%), 54% uma estrutura residencial mais moderna (sobre 32%), e 71% melhor acesso aos meios modernos de comunicação (sobre 53%).

A adesão à democracia é similar ao padrão nacional, mas com certas contradições. Há, por um lado, uma forte defesa da liberdade de expressão e associação. Mas, por outro lado, nota-se um certo descrédito quanto ao valor da liberdade de escolha política (53%, sobre 45%). Isto leva a uma menor apreciação pela democracia. Um quarto dos Mancanhas (24%) é indiferente à democracia ou prefere um governo não democrático, bem acima da média nacional (15%).

O maior engajamento na vida pública é fruto, principalmente, do alto contacto com o Estado (45%), 16 pontos acima da média nacional, e da forte disposição para a deliberação pública. Os Mancanhas acompanham com mais intensidade as notícias e conversam mais sobre política (59%, sobre 47%). Ainda assim, a participação de pessoas desta etnia na vida associativa e partidária é menor do que a da maioria dos outros grupos (14%, sobre 25%).

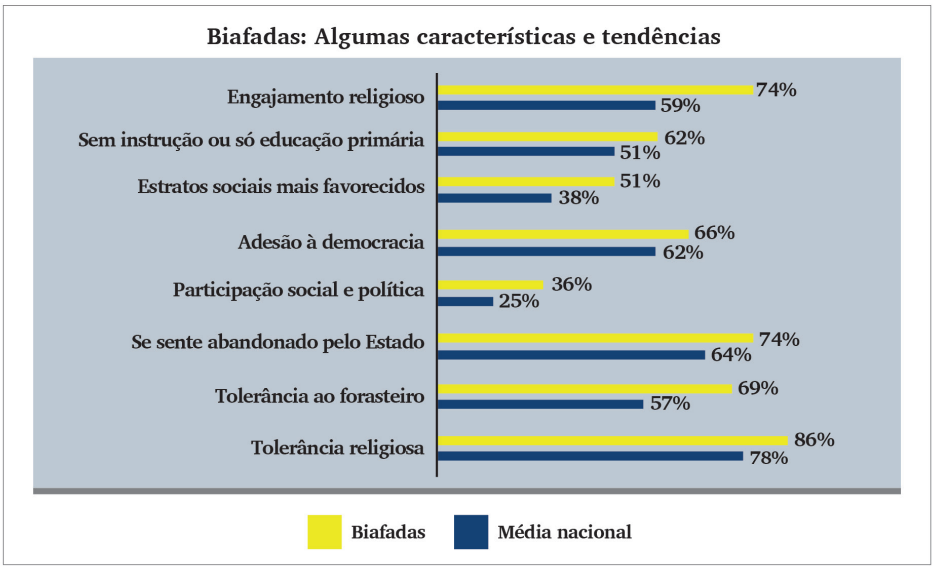
Os Mancanhas sentem uma maior apreensão pelos rumos do país e o risco à paz. A urbanidade desta etnia explica a maior tolerância em questões sexuais (27%, sobre 17%), incluindo a homossexualidade (33%), dez pontos acima da média.

Depois dos Bijagós, entre os Mancanhas a confiança interpessoal é a mais baixa do país: 40% têm baixa confiança, 17 pontos acima do total nacional. Todavia, essa situação não impede uma orientação mais favorável à igualdade social: 82% dos Mancanhas apoiam a igualdade de género.

Biafadas

A maioria (55%) dos Biafadas habita no campo, especialmente na região de Quínara (34%). Mesmo assim, mais de um terço (35%) reside em Bissau. Em casa, 40% dos Biafadas falam a sua língua autóctone, 10% falam balanta, e 44% crioulo.

Entre os Biafadas, 86% são muçulmanos, 7% cristãos e 5% animistas. O engajamento religioso desta etnia é mais intenso, quase no mesmo nível dos Mandingas e Fulas.



A escolarização nesta comunidade é baixa. Mas as suas condições de vida são relativamente melhores às de outros grupos étnicos. Isto deve-se ao facto de 46% dos Biafadas ter uma melhor estrutura residencial, 14 pontos acima da média nacional, e maior acesso aos meios modernos de comunicação, como o telemóvel, a televisão e a internet. Quase dois terços (63%) dos Biafadas fazem um uso frequente destes instrumentos de comunicação, dez pontos acima da média.

Dois terços dos Biafadas manifestam uma adesão mais alta à democracia, a melhor posição entre as etnias guineenses. O nível de engajamento público é comparável à média nacional. Contudo, há uma participação social e política mais alta, e um acesso maior às notícias sobre o país (46%, sobre 33%).

Os Biafadas, juntamente com os Mandingas, exibem os maiores níveis de tolerância inter-religiosa e étnica, e de simpatia em relação aos imigrantes. Entre os Biafadas, 83% mostram um ecumenismo religioso e étnico mais alto, sete pontos acima da média nacional.

Todavia, há neste grupo uma maior disposição ao uso da violência: 36% aceitariam utilizá-la em algumas circunstâncias, comparado com o total nacional de 25%. Ligado a isto, 43% das pessoas desta etnia experimentam uma preocupação por atos de agressão e violência no círculo pessoal, superior à média de 36%.

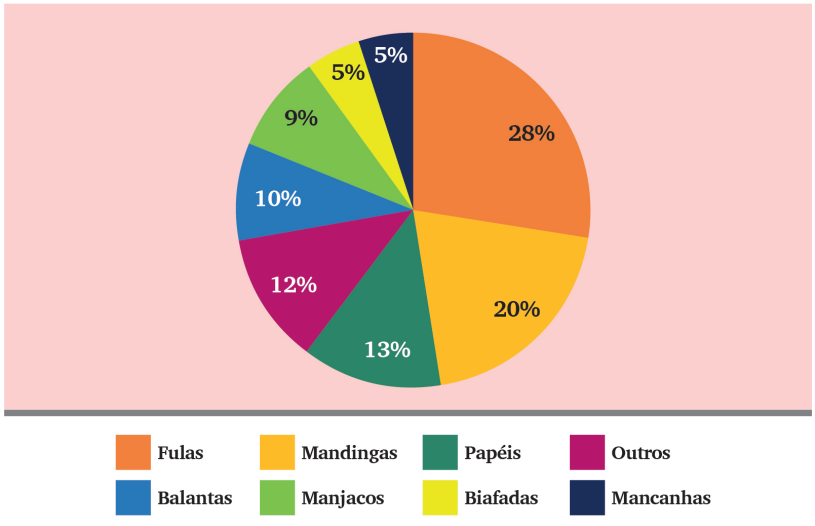
A confiança interpessoal nesta comunidade segue o padrão nacional. Entre os Biafadas, há uma preferência maior pela igualdade no trato social (61%, sobre 57%) do que pela igualdade de género (73%, sobre 77%). Cabe, ainda assim, anotar que três em cada quatro Biafadas defende a igualdade de oportunidades entre homens e mulheres. Os Biafadas, Fulas e Mandingas são as etnias com maior aversão ao sectarismo, e uma forte predisposição à tolerância religiosa.

O Elemento Étnico na Política Guineense

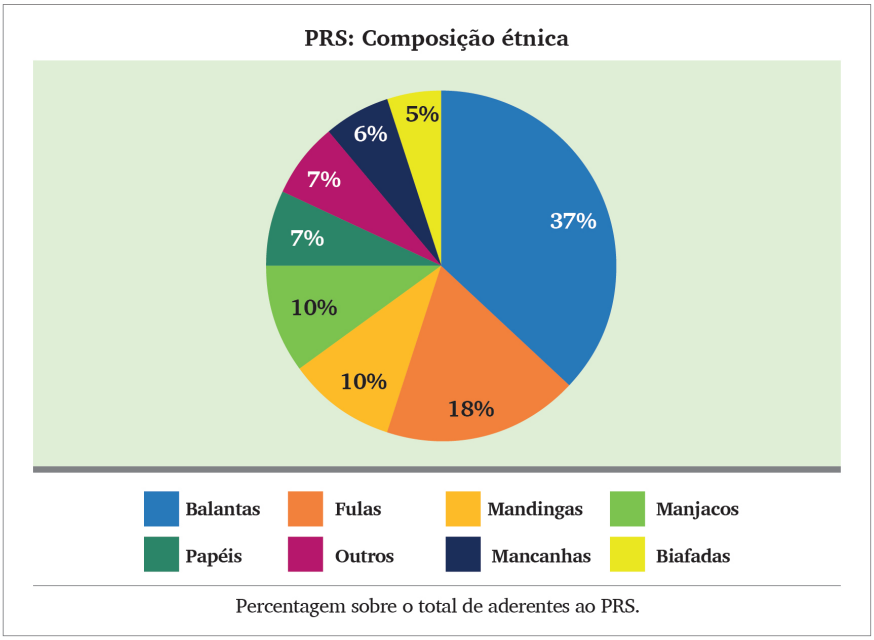
A pesquisa Vozes do Povo permite analisar vários aspetos do comportamento político do povo guineense. Um deles é a relação entre identidade étnica e orientação partidária. Na Guiné-Bissau, sete em cada dez pessoas têm afinidade com algum partido.

Em 2018, as duas forças principais da política guineense eram o PAIGC e o PRS, que juntos recolhiam a simpatia de 63% da população. O PAIGC tinha a adesão de 42% do povo e o PRS metade (21%). O resto apoiava partidos menores, incluindo um movimento dissidente do PAIGC, o Grupo dos 15 (com 3% de apoio), que constituir-se-ia num novo partido em 2019, o MADEM G15. A composição dos dois partidos principais – PAIGC e PRS – reflete o mosaico étnico da sociedade guineense, como ressaltam os seguintes gráficos.

PAIGC: Composição étnica



Percentagem sobre o total de aderentes do PAIGC.

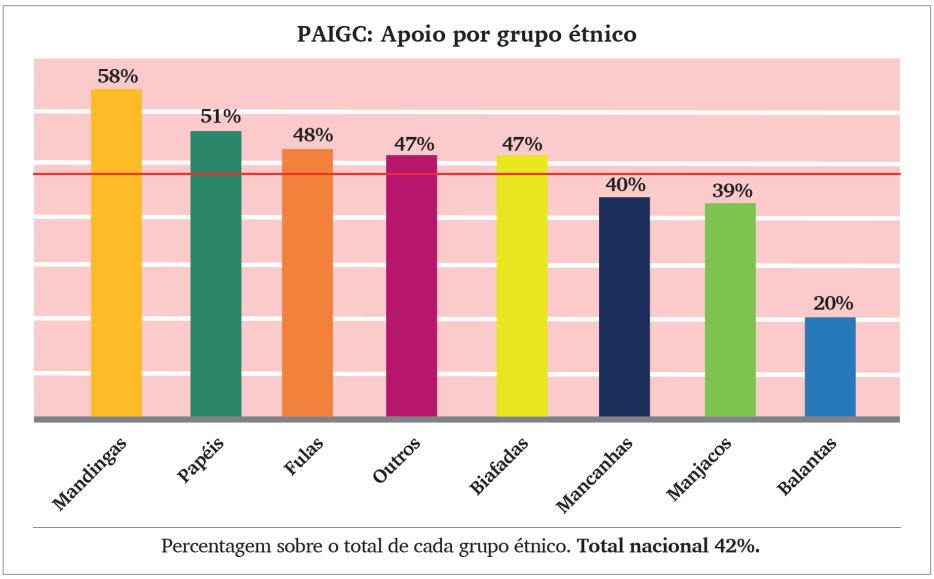


Percentagem sobre o total de aderentes ao PRS.

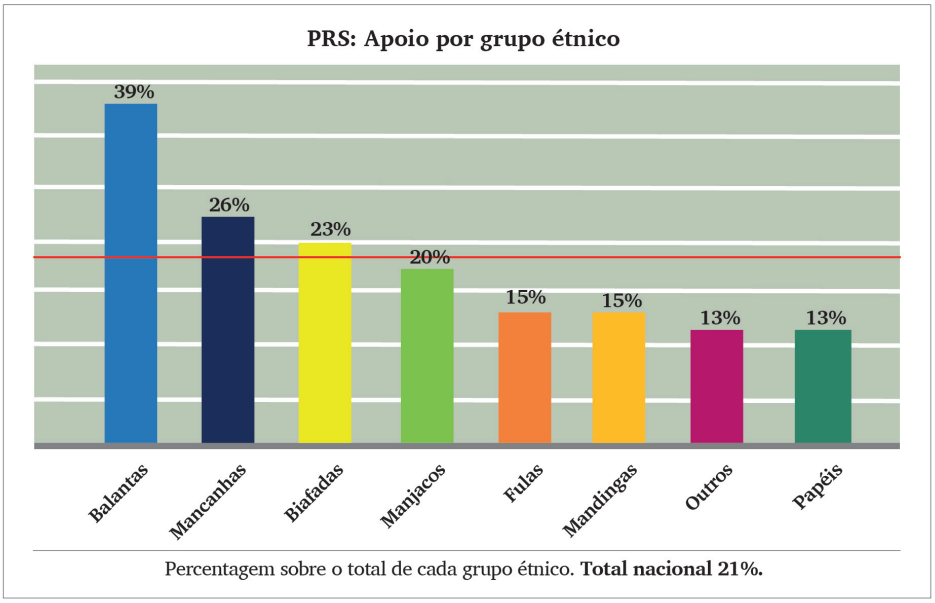
A composição multiétnica das duas principais forças do país sugere que a política partidária na Guiné-Bissau é um espaço de integração nacional, antes que segmentação étnica. Isso é um ponto favorável para o desenvolvimento democrático do país – embora por si só não o garanta.

Junto com este fator integrador, é possível entrever algumas diferenças relevantes. No PAIGC há, em proporção ao tamanho demográfico de cada etnia, um número maior de Mandingas, Papéis, Fulas, Biafadas e pessoas de grupos étnicos menores. A presença dos Balantas no PAIGC é baixa. No PRS, a força étnica principal são os Balantas, que somam 37% dos seus aderentes. Ademais, o apoio dos Mancanhas e Biafadas ao PRS é um tanto ou quanto maior que o seu peso demográfico.

Uma forma alternativa de visualizar esta relação é calculando a contribuição de cada etnia sobre o total de cada grupo. Nos casos em que os valores são superiores à média nacional de cada partido – PAIGC 42%, PRS 21% – temos o apoio maior daquele grupo étnico.

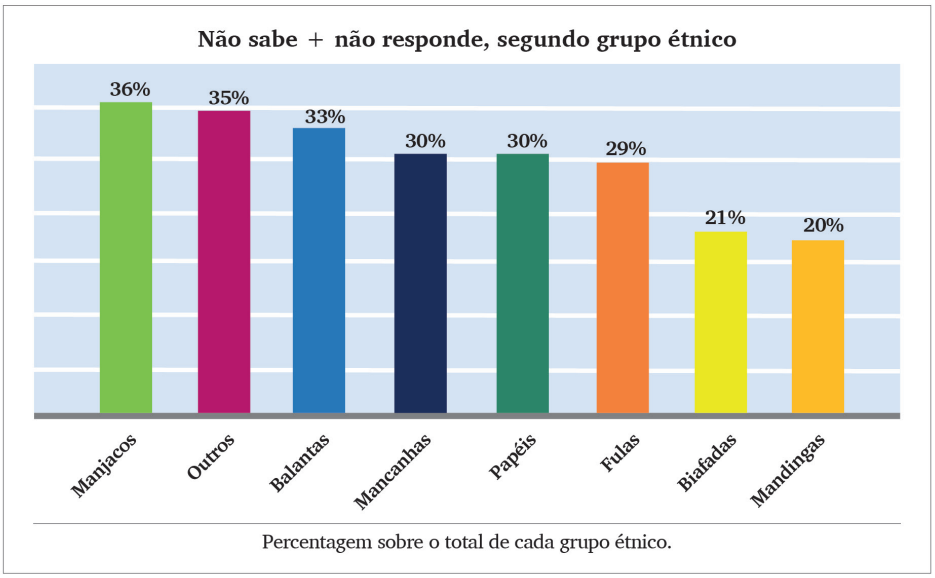


Percentagem sobre o total de cada grupo étnico. **Total nacional 42%.**



Ambos os gráficos mostram que os partidos têm matizes étnicos, mas sem deixar de refletir o mosaico étnico da Guiné-Bissau.

Houve um número expressivo – 30% da população – que não se identificou com nenhum partido. Seja por não ter uma afinidade política, não saber, ou não querer responder à pergunta. Neste bloco, o grupo menos identificado com a vida partidária foram os Manjacos. Esta também é a etnia com menor número de militantes partidários. Na outra ponta estão os Mandingas. Esta etnia não só tem a maior identificação partidária, mas é a mais atuante em outros aspetos da vida política guineense.



A identidade étnica, então, tem incidência na disposição ao engajamento partidário e na composição destes agrupamentos De igual forma, ela também afeta o nível de apoio às lideranças públicas. A título de ilustração, em 2018:

- 78% dos Manjacos aprovaram a gestão do Presidente José Mário Vaz, também Manjaco, numa proporção bem acima da média nacional de 60%.
- 63% dos Fulas, por sua vez, aprovaram a atuação do primeiro-ministro Umaro Sissoco Embaló, um líder político da etnia Fula, por 13 pontos a mais que o total nacional.

Em ambos os casos, o principal apoio veio de pessoas identificadas com a etnia do líder político. A tendência de valorizar líderes e apoiar determinados partidos por uma questão de afinidade étnica reflete um elemento tribal na política guineense. Este sentimento, contudo, não parece ser predominante neste contexto social. O impacto do elemento étnico na política da Guiné-Bissau merece um estudo mais aprofundado, sobretudo nos seus aspetos mais informais – e, portanto, de influência mais subtil.

Risco de Sectarismo Religioso

O sectarismo – a defesa intolerante, fechada e facciosa de sentimentos religiosos ou ideológicos – tende a perturbar a coexistência social e enfraquecer o desenvolvimento democrático. Em certos contextos, pode facilitar o surgimento de ações extremistas, com perigo para a ordem pública. A Guiné-Bissau não sofre deste tipo de violência, mas alguns países da região, sim. Daí o interesse em captar o alcance de sentimentos que podem propiciar atos de intransigência – sobretudo religiosa – no seio do povo guineense.

Para avaliar esta ameaça elaborou-se um índice com elementos associados muitas vezes a atitudes sectárias:

- **Intolerância religiosa,** em relação a pessoas de outra religião
- **Desconfiança religiosa,** com indivíduos de uma religião diferente
- **Orientação patriarcal,** na qual se inverteram os valores do índice de igualdade de género
- **Preconceito sexual,** em relação aos homossexuais.

Todas estas disposições teriam afinidade com uma conceção mais fundamentalista ou fechada da religião. O último fator, no entanto, ficou em aberto quanto à sua relevância para esta medição. Razão pela qual foram produzidas duas versões do índice: a primeira, a hipótese A, com os quatro indicadores citados; a segunda, a hipótese B, sem a variável do preconceito sexual.

Para captar a incidência religiosa na disposição ao sectarismo, criou-se um índice de engajamento e adesão religiosa com base em quatro elementos:

- **Participação num grupo religioso,** incluindo o perfil desta atuação
- **Contacto com líderes religiosos,** a partir da assiduidade deste relacionamento
- **Importância da religião na vida pessoal**
- **Frequência das práticas religiosas,** além de casamentos e funerais.

Estas variáveis dão conta principalmente de elementos de uma vida religiosa organizada. A religiosidade neste contexto é marcada pela participação nos rituais e grupos religiosos, e no contacto com as lideranças desta comunidade. A ênfase aqui está centrada nas formas e nos relacionamentos, e nem tanto assim na dimensão mais espiritual. Daí a importância de diferenciar a religiosidade da espiritualidade, que apresenta, em geral, uma vitalidade mais íntima. A definição de religiosidade utilizada nesta análise, portanto, não retrata as condições mais subtis da convivência espiritual, que podem ter – na sua expressão cotidiana – uma religiosidade maior ou menor.

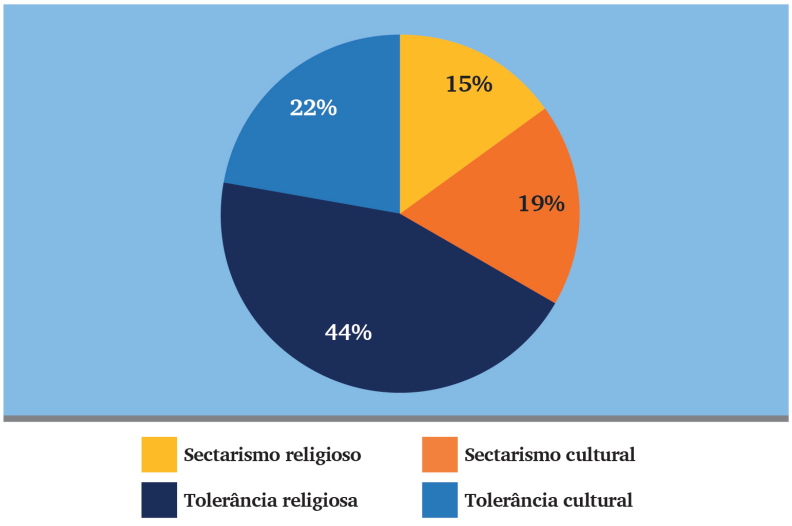
O cruzamento de ambos os índices – risco de sectarismo e engajamento religioso – permite avaliar a influência da religião nas inclinações mais sectárias e mais tolerantes. Esta combinação, em escala mais alta e baixa, permitiu produzir a seguinte matriz.

Risco de sectarismo religioso: Matriz conceitual		
Engajamento religioso	Risco de sectarismo	
	Menor	Maior
Mais alto	Tolerância religiosa	Sectarismo religioso
Mais baixo	Tolerância cultural	Sectarismo cultural

De modo a facilitar a análise, distinguiu-se entre duas orientações em relação ao sectarismo e à tolerância: uma, de viés mais religioso, e outra, menos religiosa – ou seja, de uma predisposição mais cultural ou secular.

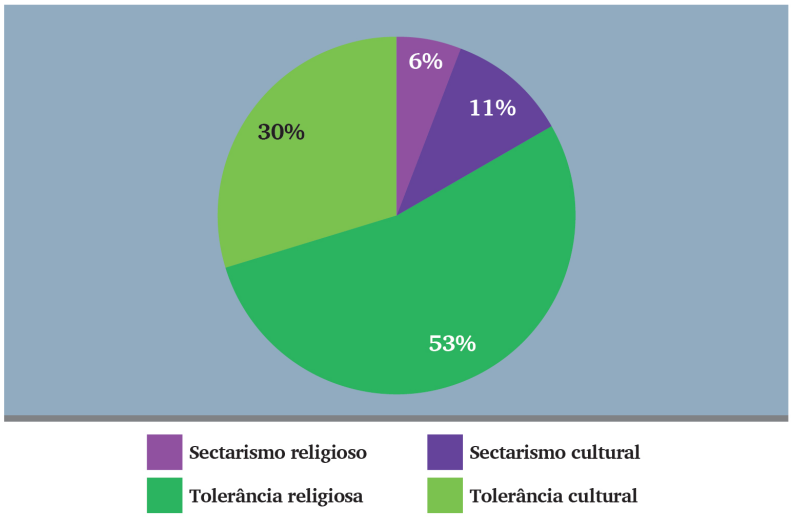
O resultado deste cruzamento foi surpreendente. Constatou-se que, na Guiné-Bissau, as pessoas mais tolerantes tendem a ser mais religiosas. Detetou-se ainda que o risco de sectarismo é maior entre as pessoas de menor religiosidade, incluindo aqueles sem atuação religiosa. Isto pode-se apreciar em ambos os índices preparados para esta pesquisa.

Sectarismo e tolerância: Religioso e cultural
Hipótese A



A hipótese A inclui os quatro indicadores.

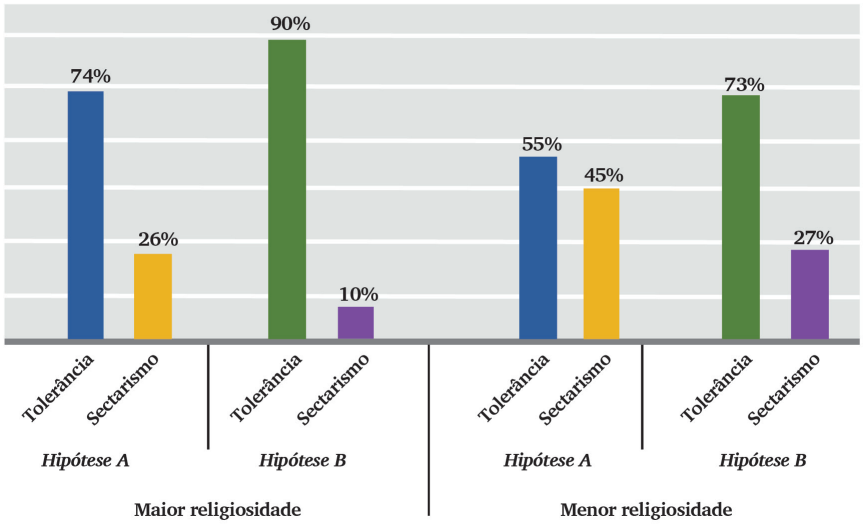
Sectarismo e tolerância: Religioso e cultural
Hipótese B



A hipótese B não inclui o indicador de preconceito sexual.

Ao contrastar os dois públicos, o mais ecuménico e aquele com risco de sectarismo, observa-se – nas duas hipóteses – que, entre as pessoas tolerantes, duas em três são mais religiosas, e uma é mais secular. Na população com tendência ao sectarismo – 34% na hipótese A e 17% no cenário B – há um peso maior de pessoas pouco ou nada religiosas. Desconsiderando a variável preconceito sexual, no grupo com visão mais sectária as pessoas mais seculares são quase o dobro daquelas com uma adesão religiosa mais intensa. Por outras palavras, a probabilidade de achar um guineense ecuménico é duas vezes maior num ambiente de maior religiosidade do que entre as pessoas com escassa ou nenhuma participação religiosa.

Tolerância, sectarismo e religiosidade



Percentagem sobre o total de pessoas segundo o nível de religiosidade, em cada hipótese examinada.

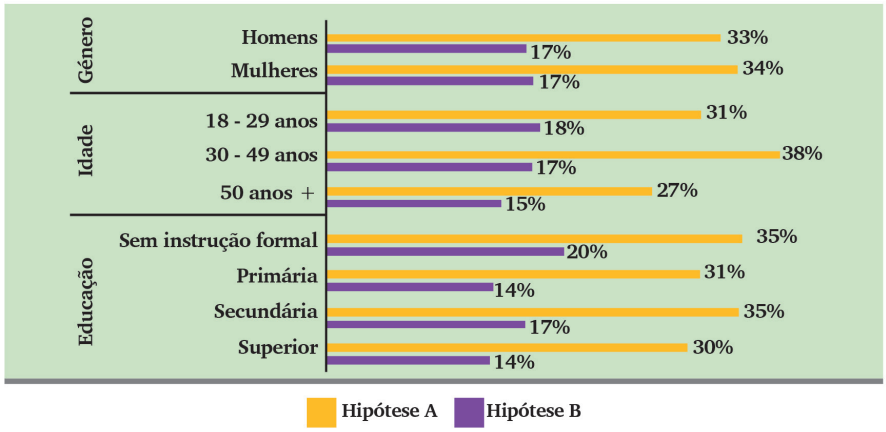
Todavia, ao comparar o nível de engajamento religioso – maior ou menor – fica em evidência o impacto da prática religiosa na adoção de atitudes menos sectárias. A informação apresentada no gráfico anterior revela que, entre os guineenses mais religiosos, a tendência a favor do ecumenismo é de três a nove vezes maior que o risco de sectarismo, dependendo da hipótese utilizada. Em contrapartida, as pessoas menos religiosas são uma a três vezes mais inclinadas a ser tolerantes. Fazendo a média dos dois cenários, pode-se estimar que, na Guiné-Bissau, as pessoas com pouca ou nenhuma religiosidade têm um risco de sectarismo três vezes maior que as pessoas mais religiosas.

O preconceito em relação à homossexualidade tende a elevar o risco de sectarismo, como salienta o contraste dos resultados das hipóteses A e B. Entre as pessoas mais religiosas, o risco sobe 16 pontos, enquanto entre os menos religiosos há um acréscimo de 18 pontos. A comunidade mais religiosa, portanto, é ligeiramente menos discriminatória em relação aos homoafetivos que o povo mais secular. Como tem acontecido em outros países, na Guiné-Bissau há o perigo de ver a politização do preconceito contra as minorias sexuais exacerbar o clima de intolerância social.

Quais são as principais características sociais da população em risco de adotar atitudes mais sectárias?

As variáveis de **género** têm uma consequência quase nula sobre o índice de sectarismo. Mas os elementos que as compõem evidenciam certas disparidades. Os homens, em geral, exibem uma orientação mais patriarcal e maior intolerância religiosa. As mulheres desconfiam mais das pessoas de outra religião e têm um preconceito maior em relação à homossexualidade. Por outro lado, os homens mostram uma inclinação mais forte para o engajamento religioso, superando as mulheres numa proporção de 62% para 57%. Mesmo assim, o risco de sectarismo em ambos os géneros apresenta uma tendência mais cultural que religiosa.

Risco de sectarismo religioso:
Alguns traços sociais

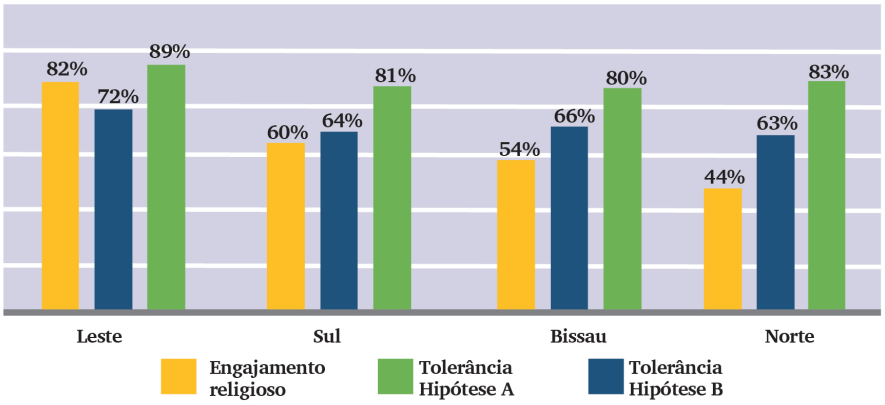


Risco de sectarismo religioso: risco de sectarismo alto + meio alto
Percentagem sobre o total de pessoas com risco de sectarismo religioso.

Quanto à **idade**, a religiosidade e disposição ecuménica maior dá-se entre as pessoas de 50 anos para cima. Esta faixa etária exibe um preconceito menor em relação à homossexualidade, mas ostenta uma orientação patriarcal mais forte.

A **educação** não tem um impacto claro. No nível da educação superior, por exemplo, há bastante variabilidade. Neste segmento observam-se uma desconfiança e uma intolerância religiosa mais elevadas. Mas no seu conjunto é o segmento que tende a ser mais liberal no apoio à igualdade de género e com menor discriminação contra a homossexualidade. No entanto, na faixa sem nenhuma instrução, há uma predisposição mais fechada e conservadora sobre estes assuntos.

Religiosidade e tolerância por grande região da Guiné-Bissau



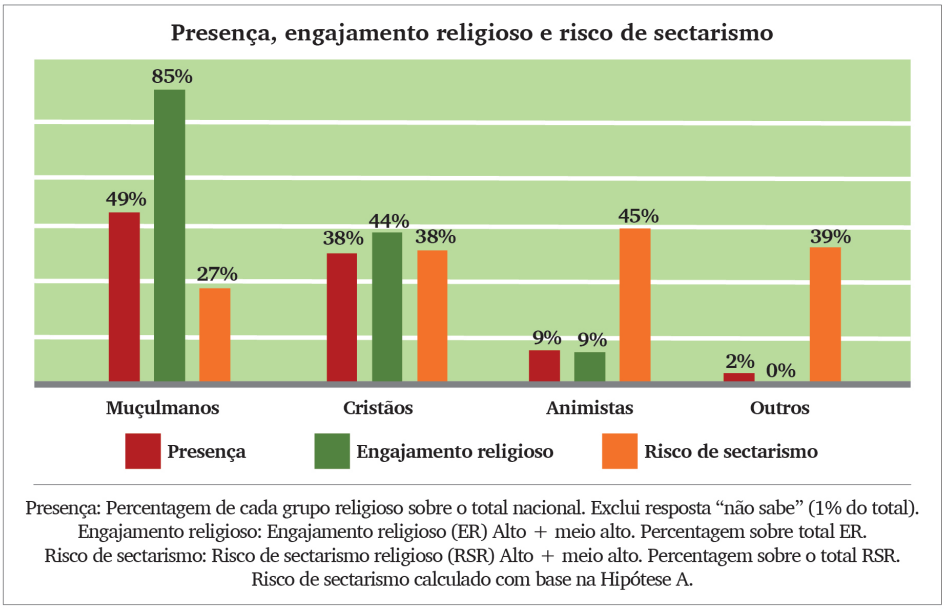
Engajamento religioso: Engajamento religioso alto + meio alto
Tolerância: Risco de sectarismo religioso baixo + meio baixo
Percentagem sobre o total de engajamento religioso e risco de sectarismo religioso.

O **local de residência** tampouco surte um efeito saliente. No meio da população rural há menos desconfiança e intolerância religiosa, mas percebe-se um preconceito sexual e patriarcal maior. O contraste geográfico, no entanto, é mais expressivo. O Leste é a região mais religiosa e tolerante do país. Neste território, vigora uma combinação mais intensa do patriarcalismo e do ecumenismo religioso. No Leste, em cada 12 pessoas com maior sentimento religioso, segundo os resultados da hipótese B, 11 seriam mais tolerantes e uma teria uma predisposição sectária.

Os principais **grupos étnicos** da Guiné-Bissau mostram algumas diferenças significativas. Os que exibem uma religiosidade mais alta – os Mandingas, Fulas e Biafadas, muçulmanos na sua grande maioria – têm níveis de tolerância maior, sobretudo no trato com pessoas de outra religião. Por outro lado, os Papéis apresentam um risco sectário maior, de índole mais cultural que religiosa. No índice A, o risco de sectarismo entre os Fulas, Biafadas e Mandingas oscila entre 25% e 27%. Mas na comunidade Papel chega a 50%. A diferença fundamental entre estes grupos está na capacidade de relacionamento inter-religioso.

Das três principais **religiões** da Guiné-Bissau, os muçulmanos são o grupo maioritário do país (com 49% da população). Esta comunidade destaca-se pela alta religiosidade. Três em cada quatro muçulmanos pratica a sua religião mais de uma vez por dia. Ademais, este grupo exibe as atitudes mais favoráveis à convivência ecuménica, como pode-se observar no seguinte gráfico.

Os cristãos representam 38% da população e os animistas 9%. Os cristãos têm uma religiosidade maior e um potencial sectário menor que os animistas. Mas há diferenças internas dentro da comunidade cristã. Os evangélicos têm uma atuação religiosa mais intensa que os católicos. Porém, o risco de sectarismo entre os evangélicos é superior ao dos católicos.



Presença: Percentagem de cada grupo religioso sobre o total nacional. Exclui resposta "não sabe" (1% do total).
Engajamento religioso: Engajamento religioso (ER) Alto + meio alto. Percentagem sobre total ER.
Risco de sectarismo: Risco de sectarismo religioso (RSR) Alto + meio alto. Percentagem sobre o total RSR.
Risco de sectarismo calculado com base na Hipótese A.

Os animistas constituem o grupo com menor engajamento religioso. Dois em cada três animistas dizem que nunca praticam a sua religião ou a fazem poucas vezes ao ano, enquanto quase metade (47%) afirma que a religião tem pouca ou nenhuma importância na sua vida.[6] Esta coletividade tem uma orientação mais igualitária nas relações de género e maior disposição à tolerância religiosa. Mas há elementos de alta desconfiança em relação às pessoas de outra religião e um elevado preconceito contra a homossexualidade. Daí o maior risco do sectarismo.

Quanto aos principais **partidos políticos** da Guiné-Bissau – em 2018, o PAIGC e PRS –, há alguns contrastes percetíveis. Dois terços dos integrantes do PAIGC têm um engajamento religioso mais intenso, mas só metade dos aderentes do PRS exibem essa prática. Os apoiantes do PAIGC são mais ecuménicos no âmbito religioso e mais favoráveis, em geral, à igualdade nas relações de género. Contudo, os membros do PRS mostram uma disposição menos intransigente em relação à homossexualidade. O risco de sectarismo religioso entre os aderentes do PAIGC é menor, oscilando entre 30% e 14%, nas hipóteses A e B. No PRS, estes valores ficaram entre 34% e 18%, levemente superiores aos do PAIGC.

Na sondagem realizada em meados de 2018, um movimento dissidente do PAIGC, o Grupo dos 15, teve a adesão de 3% da população. A sua principal base de apoio, naquele momento, estava entre os muçulmanos. Além de exibir um nível alto de religiosidade, entre seus apoiantes detetou-se uma forte inclinação a favor da tolerância religiosa.

A **adesão à democracia** na Guiné-Bissau tem um importante suporte religioso. Quase metade das pessoas com uma adesão mais alta à democracia tem uma orientação religiosa favorável à tolerância. Isto é quatro vezes maior que o número de pessoas com predisposição para o sectarismo religioso. O gráfico seguinte esclarece esta situação.

6 Embora altamente ritualizadas, as práticas animistas tendem a ser menos regulamentadas e, portanto, menos organizadas, em comparação com as das comunidades cristãs e muçulmanas. Como mostra o capítulo 8, o número das pessoas que se identificam como "animistas" sofreu um declínio acentuado na Guiné-Bissau, de um pico de 65% da população em 1979 para 9% no inquérito Vozes do Povo de 2018. Este contexto pode explicar a menor disposição entre alguns inquiridos em partilhar ideias sobre a sua prática 'animista'.

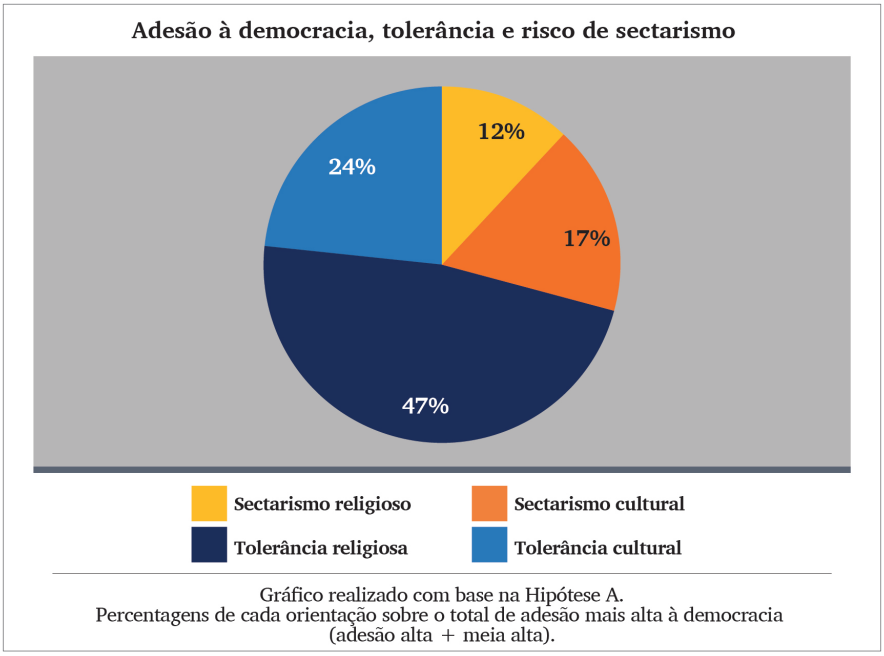


Gráfico realizado com base na Hipótese A.
Percentagens de cada orientação sobre o total de adesão mais alta à democracia (adesão alta + meia alta).

Há uma observação importante a sublinhar nesta representação. Entre os apoiantes da democracia na Guiné-Bissau, 29% são pessoas mais propensas a adotar atitudes sectárias. Ainda mais, os resultados da pesquisa revelam que, entre as pessoas com uma orientação autoritária, 59% exibem uma atitude de maior tolerância religiosa e cultural. Numa parcela da população, portanto, há um elemento de disjunção entre o apoio à tolerância social e a defesa da democracia e os direitos humanos.

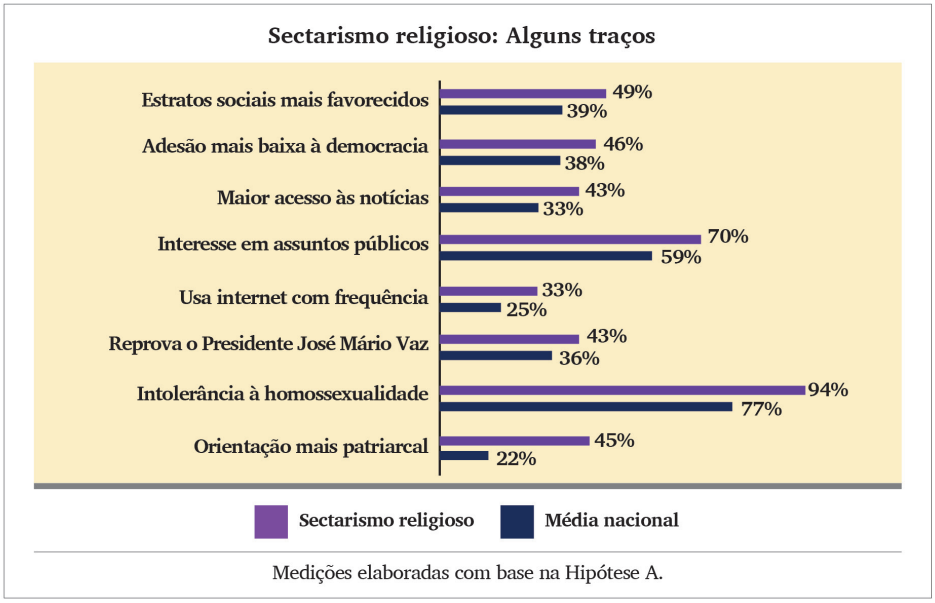
No seio da opinião pública guineense, há dois princípios distintos de tolerância. Um deles é associado às noções mais modernas da tolerância liberal e a salvaguarda da liberdade de dissensão. A outra vem de uma tradição não liberal, mais comunitária na sua origem, e vinculada à longa história de relações interétnicas e religiosas na Guiné-Bissau. Este assunto merece uma análise mais aprofundada, de modo a fortalecer as estratégias de desenvolvimento democrático neste país.

Tipologias de Sectarismo e Tolerância: Algumas Características Salientes

Quais são as experiências de vida e disposições associadas a cada uma das orientações ressaltadas na matriz conceitual – o risco de sectarismo religioso e cultural, e a propensão à tolerância religiosa e cultural? Os seguintes gráficos oferecem uma síntese dos principais acentos de cada uma das disposições, contrastadas com a média nacional, elaboradas com base nos cruzamentos com os resultados da Hipótese A.

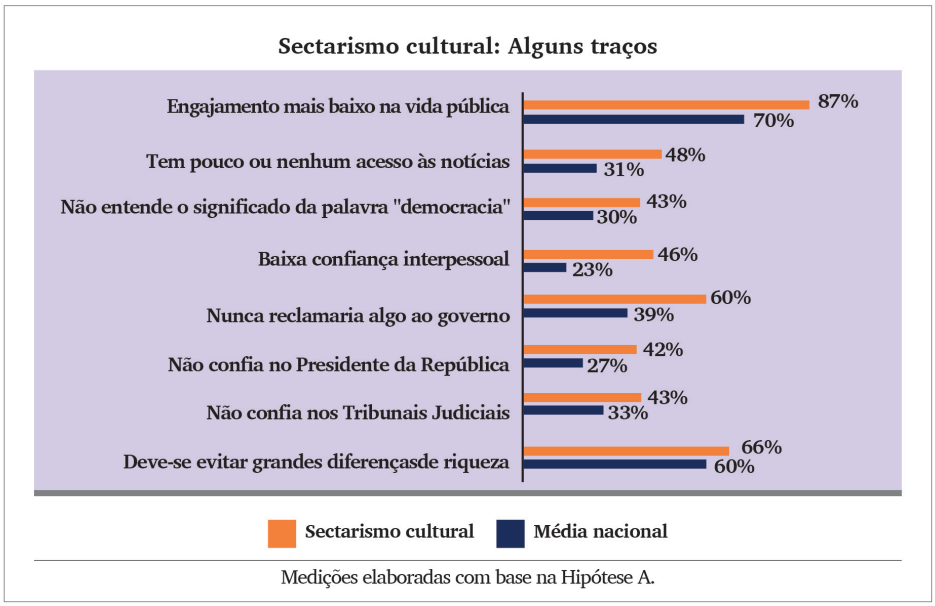
Na população com **risco de sectarismo mais religioso** há uma percentagem maior de pessoas dos estratos mais favorecidos e com acesso a informações sobre os acontecimentos públicos. O nível de educação, contudo, não tem nenhuma incidência percetível na composição deste segmento. O sectarismo religioso está associado a uma visão mais patriarcal, e a um forte preconceito em relação às minorias sexuais.

Os grupos étnicos maioritariamente afetados por esta orientação são os Mandingas (em 22% da sua população), os Fulas (19%), Biafadas (19%), e a somatória de uma constelação de etnias menores, Outros (20%).



Medições elaboradas com base na Hipótese A.

O **risco de sectarismo cultural** tem um leve acento rural e feminino, e inclui uma proporção um pouco mais elevada de pessoas sem instrução formal. Esta é a população menos engajada na vida pública do país e com escassa disposição para reclamar seus direitos ao governo. Neste segmento social há uma confiança menor nas pessoas, instituições e autoridades públicas. Todavia, esse é um público com certa sensibilidade pela justiça social: 61% pensam que a Guiné-Bissau é um país muito injusto, acima da média nacional de 51%. Os grupos étnicos influídos principalmente por esta disposição são os Papéis (39% da sua comunidade), os Manjacos (28%), os Balantas (28%), os Mancanhas (25%) e Outros (24%).

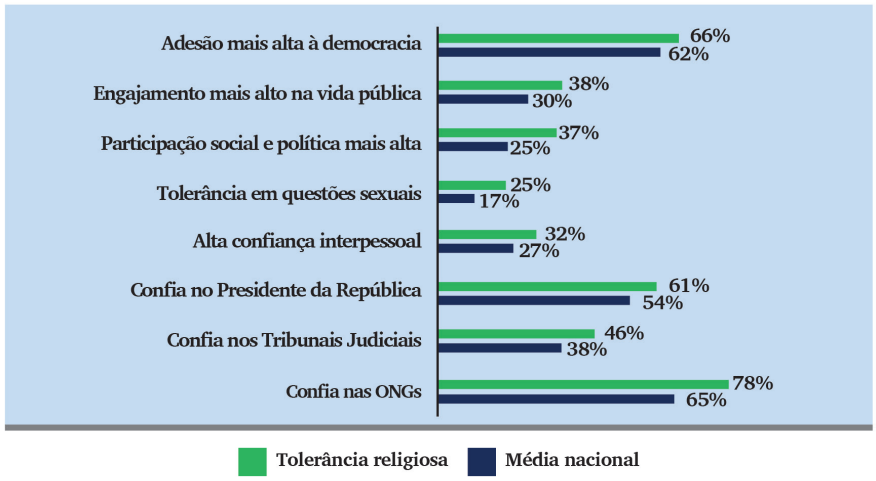


Medições elaboradas com base na Hipótese A.

Os guineenses com um **impulso para a tolerância religiosa** manifestam uma adesão maior aos princípios democráticos e uma participação mais intensa na vida pública do país. Dois terços dos militantes partidários na Guiné-Bissau exibem esta disposição religiosa. O ecumenismo religioso favorece a adoção de atitudes mais tolerantes em relação aos estrangeiros e às minorias sexuais. Esta população tem uma confiança interpessoal maior. Isso também se reflete nos seus elevados índices de confiança grupal: 83%, 14 pontos acima da média nacional. A confiança nas pessoas, por sua vez, incide na confiança conferida às lideranças nacionais, às entidades do Estado, aos grupos comunitários e às organizações da sociedade civil.

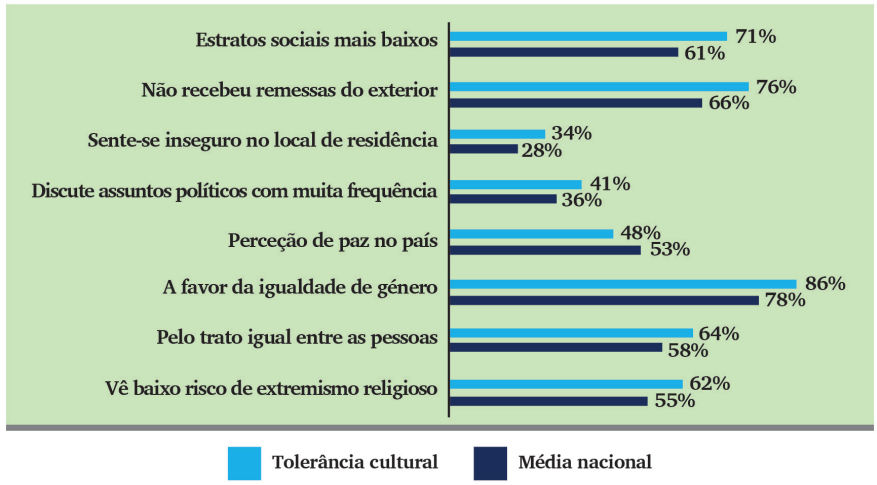
Esta população tem um leve acento urbano e inclui uma proporção maior de pessoas com educação superior. No plano étnico, a maior disposição para a tolerância religiosa se dá entre os Mandingas (65%), Fulas (64%) e Biafadas (56%).

Tolerância religiosa: Alguns traços



Medições elaboradas com base na Hipótese A.

Tolerância cultural: Alguns traços

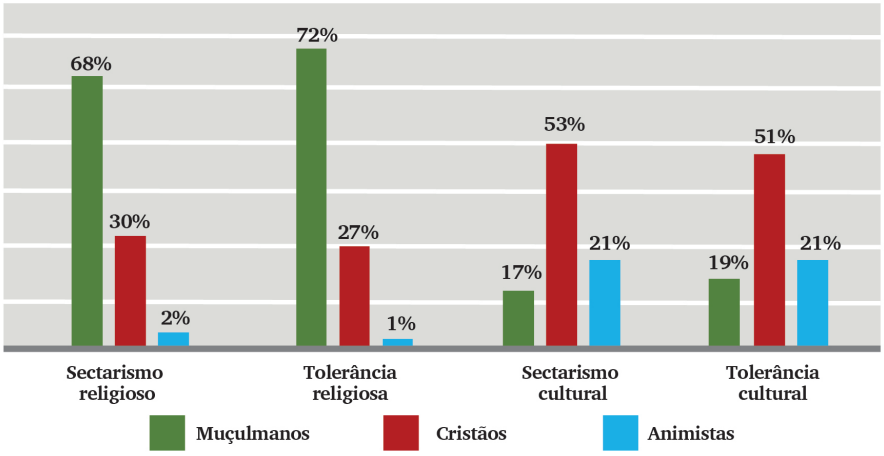


Medições elaboradas com base na Hipótese A.

A **predisposição para a tolerância cultural** é mais pronunciada nos estratos sociais mais baixos. Entre as pessoas com esta orientação, dois terços descrevem as suas condições de vida como más. Neste segmento há uma preocupação maior por temas de segurança pública, seja por problemas de roubo na casa ou pela consternação perante a instabilidade política do país. Esta parcela da população tem um etos igualitário mais acentuado, tanto nas relações de género como no trato geral entre as pessoas. Dois terços deste povo recebem notícias por comentários da família, vizinhos e amigos. Neste grupo há uma alta proporção de pessoas que gostam de discutir sobre assuntos políticos. Os grupos étnicos mais influenciados por esta orientação são os Balantas (41%), Mancanhas (33%), Papéis (31%) e Manjacos (30%).

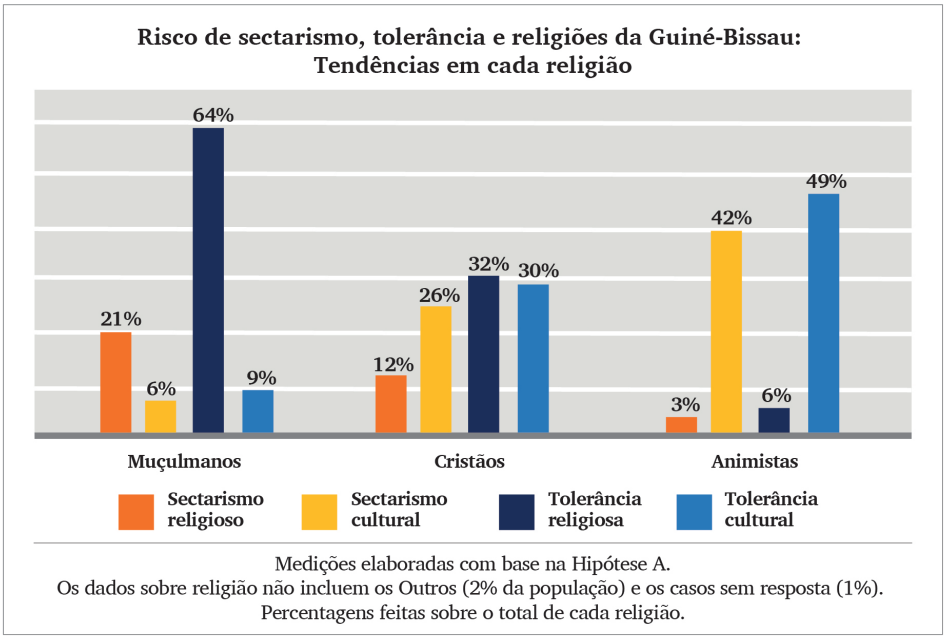
No **âmbito religioso**, é possível discernir as tendências em cada uma das principais religiões da Guiné-Bissau – o islamismo, o cristianismo e o animismo –, segundo as quatro orientações esboçadas aqui. A seguir apresentamos dois gráficos que oferecem leituras alternativas deste relacionamento. A primeira salienta a composição religiosa de cada tipologia. A segunda mostra a constituição de cada uma das religiões, a partir das quatro orientações estudadas aqui. Todos os cruzamentos foram feitos com os resultados da Hipótese A.

Risco de sectarismo, tolerância e religiões da Guiné-Bissau: Composição religiosa de cada orientação



Medições elaboradas com base na Hipótese A.
Os dados sobre religião não incluem os Outros (2% da população) e os casos sem resposta (1%).
Percentagens feitas sobre o total de cada orientação

Como se pode apreciar neste e no seguinte gráfico, nas três principais religiões da Guiné-Bissau o ímpeto primordial favorece a coexistência social.



Medições elaboradas com base na Hipótese A.
Os dados sobre religião não incluem os Outros (2% da população) e os casos sem resposta (1%).
Percentagens feitas sobre o total de cada religião.

Conclusão

O estudo de mineração e análise de dados do inquérito Vozes do Povo possibilita uma leitura original das identidades étnicas e religiosas do povo guineense. Ela permite extrair algumas conclusões práticas orientadas para a promoção do desenvolvimento democrático.

- **Apoiar a colaboração ecuménica.** O diálogo e a parceria com os líderes religiosos, no sentido de fortalecer as relações e atividades ecuménicas, podem cimentar a tolerância religiosa e, com ela, os valores da democracia. Na Guiné-Bissau, as forças religiosas são principalmente amigas da democracia e defensoras da paz social – e devem ser reconhecidas e engajadas como tal.

- **Fomentar a cooperação interétnica.** As identidades étnicas são importantes na Guiné-Bissau. Esta pequena nação acolhe pelo menos 26 grupos étnicos e linguísticos. As relações interétnicas neste país são geralmente pacíficas e construtivas. O casamento interétnico contribuiu para isso. A pesquisa Vozes do Povo, no entanto, detetou mágoas tribais e preocupações em torno da politização destas identidades. A paz social é um bem que precisa de ser cultivado regularmente. Daí a importância de integrar estratégias que estimulem a cooperação interétnica em todas as iniciativas cidadãs.

- **Reforçar as capacidades de investigação científica** para compreender melhor os fenómenos étnicos e religiosos na Guiné-Bissau e a sua relação com a vida política do país. Os estudos de opinião pública constituem um instrumento valioso para isso, mas precisam ser complementados com estudos qualitativos, capazes de captar, com maior detalhe, as subtilezas em jogo. O apoio à produção do conhecimento científico é fundamental para isso e requer um financiamento adequado. Sem este respaldo, seria impossível organizar pesquisas de campo, como as sondagens de opinião pública; processar os dados recolhidos; analisar e apresentar os resultados. Conforme foi demonstrado através da iniciativa Vozes do Povo, a atividade científica pode gerar percepções

inovadores e ideias práticas, em prol da democracia e o desenvolvimento do país. O melhor autoconhecimento entre os guineenses, por sua vez, pode ajudar a cimentar as bases da coexistência social e o engajamento cívico.

Referências

Carter, Miguel (2021). *Vozes do povo: Relatório de mineração e análise de dados. A opinião pública na Guiné-Bissau*. Bissau: DEMOS.